

OS 30 ANOS DA ADESÃO À U.E.

por Mário Soares

Passaram trinta anos desde a assinatura, que me coube, da adesão de Portugal à então CEE, actual União Europeia.

Os motivos que estiveram na origem da decisão de aderir à CEE, e que alguns portugueses na altura contestaram mas que os Partidos maioritários na Assembleia da República apoiaram, não foram, ao contrário de que alguns julgam, essencialmente económicos, mas sim políticos e sociais, relacionados com um grande desígnio para Portugal: a consolidação da democracia pluralista, social e civil. Mas também o reconhecimento de que o ciclo colonial terminara com a descolonização e a independência dos países antes colonizados. Para benefício de todos.

Saúdo, por isso, a passagem neste ano do quadragésimo aniversário do reconhecimento das independências dos Países Africanos Lusófonos e a inclusão, na Constituição, da defesa intransigente da independência de Timor.

Na verdade, todos estes países que foram reconhecidos como independentes adoptaram a língua portuguesa, ou seja, a Lusofonia, em que o Brasil, mantendo a nossa língua comum, é, pela sua dimensão, particularmente importante.

Fizemos grandes progressos na defesa da nossa língua comum, hoje falada por mais de 200 milhões de seres humanos.

A União Europeia, que devia ser uma força de equilíbrio, de bom senso e de solidariedade, tem tido um comportamento imprudente e egoísta, tendo em conta o papel dos mercados usurários e uma visão puramente economicista.

Estamos a viver actualmente na União Europeia uma crise brutal que tem colocado em causa os princípios mais elementares da democracia social, ferindo a dignidade das pessoas e de Nações, submetendo-as a um regime de austeridade que tem demonstrado ser um crime humanitário.

Quando os Estados da União Europeia sofrem uma destruição social, com indicadores de pobreza extrema cada vez mais elevados e nunca vistos, quando os bens necessários à sobrevivência de um Povo e a soberania de Nações ficam em causa, é caso para perguntar onde está o apoio solidário que manteve a reconstrução da Europa e a segurança e futuro da União Europeia?

Bem sei que vivemos momentos particularmente difíceis num mundo muito diferente do que existia na época. A desregulamentação da globalização económica e financeira e a manifestação do terrorismo global são obviamente desafios que continuam a pôr à prova a capacidade dos líderes europeus para fazer avançar a União para a necessária coesão das Nações e o modelo de sociedade humanitária e social, que são dois dos fundamentos da identidade europeia.

Acredito que seremos capazes de sair do imbróglio em que nos encontramos, se houver bom senso, solidariedade e um mínimo de visão dos actuais dirigentes europeus.

Sobre esse aspecto, temos um membro do Parlamento Europeu da maior competência, que é a deputado de excepcional rigor, Elisa Ferreira.

Oxalá assim seja para o bem de todos.

Lisboa, 11 de Junho de 2015